

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO AS DAMAS VIMARRANENSES

ASSIGNATURAS	GUMARÃES	TODA A CORRESPONDENCIA
Anno 300	DOMINGO 20 DE FEVEREIRO 1887	Deve ser dirigida á
Com estampilha 360	—	REDACÇÃO

NO ALBUM DE ROSA MENDONÇA

(CONCLUSÃO)

A LENDA DE UMA LAGRIMA

I

VAGABUNDA errava no espaço, uma lagrima, perola crystallina, gota que trasbordára, da taça da amargura.

Ella, que nascera pela flôr, e com a dôr vivera sempre, sentia agora um desejo singular immenso, por ventura insensato, de ir repousar tranquilla, mansamente n'um coração alheio á dor.

E, presa d'este desejo insano, errava no espaço a lagrima vagabunda, perola crystallina, que trasbordára da taça da amargura.

II

Lá em baixo, por entre o roseiral em flor, soltas as tranças, affogueadas as faces, corria, perseguindo as borboletas brancas e amarellas, uma donzella formosa, toda risos e alegria. E as borboletas fugiam-lhe, e ella corria sempre, e prendia por fim uma, e beijava-a e fallava-lhe, e restituia á liberdade.

E á noute, se as louquinhas teimavam em aproximar-se da luz, a

creança ralhava-lhes, zangava-se com ellas. E ao outro dia, lá em baixo, por entre o roseiral em flor, a donzella corria, soltas as tranças, affogueadas as faces.

III

Pallido e melancolico, despertara Phébo, o louro Phébo! Negligentemente recostado, no seu dourado carro, contemplava vagamente, a xasta planicie saphirica.

Alem, no oriente, alvejou uma nuvem quasi impreceptivel, pequenina; augmentou, cresceu, e eil-a vogando no espaço, como velleira nau no Oceano.

E a lagrima vagabunda, balouçando-se no ether, mira a terra; e na terra, que se contorce nos paroxismos da dôr, não descobrio a vida, o asylo suave que busca.

A donzella, que lá em baixo brincava no roseiral, caçadita, adormece.—Como dorme tranquilla!—murmuram as borboletas, repetem os passaritos! Ouve-os a gota da amargura, avista a donzella, e rapida como a setta, penetra até ao amago d'aquelle coração feliz.

E Phebo, pallido e melancolico, contempla vagamente a vasta planicie saphirica.

IV

E' noute: a lua, surgindo por detraz da cumiada da serra, fita, com

um sorriso triste, que é quasi uma lagrima, a humanidade que vela e geme no silencio da noite.

As lagrimas do espaço, que são as gotas purissimas do rocío, recebem-n'as as flores, em seus calices entreabertos.

E a donzella innocente, que em seu coração recebeu a lagrima vagabunda, despertando, estremece ao vêr o roseiral sem flores, e divisando alem um bando de borboletas que se affastam d'ella.

E a lua descabindo no horizonte, fita com um sorriso triste, que é quasi uma lagrima, a humanidade que vela e geme, no silencio da noite.

Ahi fica, minha Rosa, no meio de tanta flôr, UMA LAGRIMA! offerta bem singular! Tão triste como ella é, peço-te que a guardes, e se um dia, a minha memoria t'a pedir, não lh'a negues, que da patria das eternas venturas, a minha alma hade sorrir-te.

Vieira do Minho.

Natal de 1883.

VIRGINIA D'ABREU.

BOLETIM ELEGANTE

Desde o dia 24 do corrente até ao dia 4 de Março fazem annos as ex^{mas} snr.^{as}:

Dia 24—D. Filomena Adelaide Ribeiro de Faria.

Dia 25—D. Candida Augusta de Lemos.

Idem—D. Beatriz Elvira Marques de Freitas.

Dia 27—D. Thereza Flora Ribeiro de Faria.

Março:

Dia 4—D. Felicidade d'Araujo Leão Martins.

CONTRA ISSO . . .

Um dia, muito fora do usual,
Incitado por muito mau estar,
Estrebuchado e d'uma forma tal
Que mui penoso me é até contar,

Acordei. E na parte labial
Um tumor me par'cia se gerar;
E saber qual a origem d'este mal
Nem por sombras eu pude decifrar.

Matutei . . . matutei . . . até que enfim
Tirei a conclusão . . . E cá p'ra mim,
(Diga embora o leitor o que disser),

Eu podia jurar—eu me confundio!—
Pelo que ha de mais santo n'este mundo
Mas não foi mais que um beijo de mul.ei!

PORTO 87

C. Guimarães

CONSORCIO

Uniram-se ha dias pelos sagrados laços matrimoniaes, o ex.^{mo} snr. Joaquim Justiniano d'Araujo Leão Martins, irmão do nosso presado amigo e colaborador snr. A. Leão Martins, com a ex.^{ma} snr.^a D. Maria do Carmo Gomes Martins.

Desejamos aos sympathicos novos as felicidades de que são dignos, e uma longa lua de mel.

AUSENTE

Acha-se ha dias em Villa do Conde o nosso presadissimo collaborador o exm.^o sr. dr. José de Freitas Costa.

Esperamos em breve tempo o seu regresso.

O ANEL DE LAURINDA

(A Ecyualdo Vidal do Oulinot)

Laurinda tinha sido educada em um convento; vivera n'aquelle ambiente saturado de rosas e incenso até a idade dos dezoito annos.

Viver, n'aquella idade, n'uma atmosphera onde se diz haver o desprendimento das coisas humanas, deve ser custoso; por isso ella por meo passatempo travou relações com Nuno, que já contava 40 annos.

Laurinda acccitou-lhe a côrte para «matar» o tempo como ella desdenho a dizia.

Nuno nunca tinha amado; nunca descobrira, de longe sequer, o luzir d'essa estrellinha fulgurantissima, mensageira da felicidade—o amor.

Vivera sempre em affectos, portanto ao vel-a sorrir julgou-se amado; sentiu-se moço e adorou-a doidamente.

No dia em que Laurinda sahiu do convento elle pediu-lhe fervorosamente que lhe desse uma esperança do seu amor.

—Sim, balbuciou ella inadvertidamente.

O rosto de Nuno inundou-se d'uma alegria suavissima.

Aquella unica palavra proferida por uns labios tão formosos ungiu-lhe o coração como um balsamo consolador.

E desde então tornou-se seu escravo. Ao passo que n'ella crescia a adoração, n'ella augmentava o desdém.

*

A tarde estava deliciosa. Era uma d'estas tardes em que ha sorrisos nas flores, em que tudo parece illuminar-se de aureolas esplendentes.

Nuno e Laurinda caminhavam oiteiro acima.

A viração murmurava um cício quasi imperceptível no pinhal.

Quando chegaram ao cimo o sol ia orbeando para o poente.

Do outro lado eram fragas escar-

padas. Ella debruçou-se n'uma das rochas e principiou de brincar com o anel que tirara do dedo.

De repente soltou um grito, o anel cahiu-lhe da mão e rolou de fraguado em fraguado.

—Daria tudo, exclamou ella, por aquelle anel.

—Um raio do vosso amor e eu irei por elle.

—Sim, disse Laurinda inconscientemente.

Já lhe tinha dado a esperança, e agora dava-lhe o seu amor que constituia a sua maior gloria.

Viu o abysmo a seus pés, mas não vacillou.

O sol esconden-se de todo.

Nuno desceu, ferindo-se nas arestas dos rochedos, sem pensar no perigo que corria.

Subiu e com mão tremula entregou-lhe o anel.

Laurinda sentou-se e Nuno ficou debruçado sobre a agulha d'um fraguado.

As sombras vinham descendo.

—Agora, murmurou elle, a esmola do vosso amor.

—Fallenos serio, respondeu Laurinda. Como quer que eu o ame. Olhe a differença de idade.

Eu peço-lhe que nunca diga que me teve amor.

Elle debruçou-se mais.

Casar, com um velho, continuou ella, soltando uma gargalhada.

—Socegue, minha senhora, os segredos dos meus devaneios, d'este amor sacrosanto que lhe consagrei, ficarão sepultados no intimo do coração,

Debalde tentei esquecel-a, mas só o posso fazer, morrendo. E precipitou-se no abysmo.

Laurinda gritou. Retirou-se, contam, com lagrimas e orando por elle.

Soava o toque solemne das Ave-Marias, rumorejando pelas rochas, perdendo-se lá no fundo do abysmo.

Porto,—13—2—83

A. Leão Martins.

SALEROSA

Quando a vejo passar tão *salerosa*,
N'um passo breve e a fronte inclinada,
N'uma *pose* tão fresca e tão formosa,
Julgo-a visãõ da célica morada.

E como esta alma assim pulverisada,
Do brilho d'essa luz tão langorosa.
Ella—a pobre alma—assim enamorada,
Orvalha-se d'amor no olhar da *hermosa*.

Então n'uma expansão immensa, infinda
Julgo envolver essa esculptura linda,
No meu amor fremente, a *salerosa*...

E eu deixo-me ficar tempo esquecido,
Indo este meu olhar como atrahido,
Envolve-se d'amor no olhar da *hermosa*.

—Porto 87—

Vidal Oudinot

AMOR MATERNAAL

QUANDO a providencia, nos
seus altos designos, nos pro-
porciona a entrada no mundo terrestre,
confere-nos como distinctissimo dote,
um peito cheio de affectos, uma alma
repleta de extremos—O amor de mãe!

Mãe!.. palavra divina, melo-
diosa expressão do amor, castissimo en-
levo da nossa alma.

Mãe! ente sublime, refugio pre-
cioso e balsamo sacrosanto, sempre
prompto a mitigar as lagrimas de seu
filho.

E' ella a mais desvelada protecto-
ra do fructo do seu amor; o exuberante
deposito que recebe uma um os va-
gidos do seu mimoso filho, para n'el-
les advinhar, como que em signaes
hieroglyphicos, a sua impressionadora
origem. Depois... consagrando-lhe os
mais ternos e sollicitos cuidados, eil-a
astuta e diligente, a procurar-lhe o mais
efficaz e prompto alivio.

Oh! como são admiraveis esses
cuidados, essas impollutas caricias pro-
digalisadas ao iuolo da sua alma, que
as podemos classificar, como um glo-
rioso poema de amor maternal!

Quando dorme esse tenro innocen-
te, o amor do seu amor, vel-a-heis
sempre aconchegada ao berço, glo-
riando-se dos meigos sorrisos que lhe
vê pairar nos roscos labios talvez de
estar a sonhar com os anjos, seus di-
vinos alliados. E, quantas vezes ella
espera, acalentando no seio a eburnea
camisinha, que se lhe descerrem as
aveludadas palpebras!

E' rarissimo vel-a affastada do
thesouro dos seus affectos: de noite, re-
ceia da mais pequena sombra; e, se
sente o mais leve rumor, já não dorme,
intranquilla, fica de atalaia.

Se Morpheu lhe faz esquecer por
alguns momentos a alma da sua alma,
acorda sobresaltada, e avidamente lhe
passa pelas faces infantis, a sua tre-
mula mão; e depois, unindo-a ao seio
maternal a chega a despertar com bei-
jos.

E' que esse innocente é o cofre de
todos os seus cuidados, de todo o seu
amor, e das suas mais risonhas espe-
ranças.

Terminando este pequeno esboço
do amor maternal, direi que, o amor da
mae, é o mais puro e santo, porque é
só baseado na esperanza de criar um
filho digno da sociedade.

Gouvêa—janeiro de 1887

Antonio Marques da Silva.

CORRESPONDENCIA

Jayme d'Abreu, Collegio Acade-
mico, Braga—Recebemos e agradece-
mos. No proximo numero será publi-
cado.